

# O câncer da inflação

CORREIO BRAZILIENSE

- 6 JUL 1993

Lázaro Marques

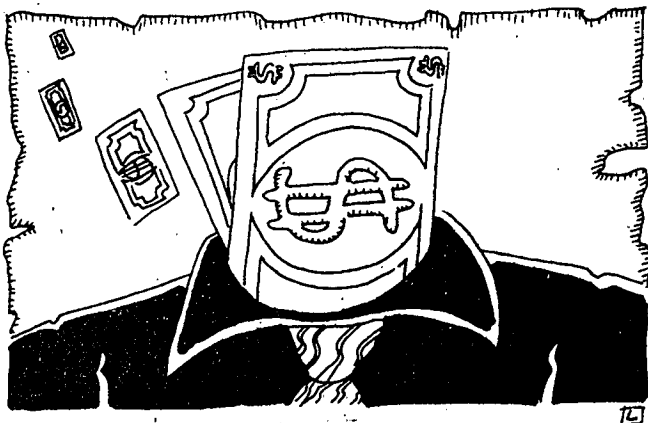
Com a taxa de um por cento ao dia, a inflação brasileira requer os mesmos cuidados conferidos a um doente terminal. De um paciente dependem poucas pessoas, enquanto a inflação tem como refém toda a sociedade perplexa com a taxa acumulada de 1980 a 1993: exatos 146.219.946.300 por cento. De nada adiantaram no mesmo período os cinco congelamentos de preços e salários e os nove planos de estabilização econômica, além da adoção de 16 políticas salariais diferentes e de 54 mudanças na política de preços dos diferentes governos. A inflação apresenta-se como um verdadeiro pesadelo para todos e destrói não só a credibilidade do País mas a economia.

Uma das receitas para combater a crise econômica é mais trabalho e menos feriados. Teremos este ano mais de 12 feriados em Brasília, mas no Nordeste a situação é mais crítica com os feriados municipais. Japoneses, alemães, italianos e americanos saíram da crise trabalhando mais e aumentando a produção. O exemplo deve ser copiado o quanto antes.

Estranha-se que numa nação com altas taxas de desemprego e um exército de 34 milhões de famintos, alguns setores minoritários da socie-

dade sejam contra a abertura do comércio aos sábados e domingos. Se adotada a medida, como ocorre em outros continentes, proporcionará mais empregos, gerando inevitavelmente mais consumo, como já se observou em recentes experiências no comércio.

Não basta apenas criar campanhas para a fome. É necessário também pensar em mais empregos para quem, atualmente, não tem onde trabalhar. O esforço para tirar o Brasil da crise deve envolver todos os



setores, partidos, ideologias, doutrinas, e instituições. O País vive, hoje, uma agonia econômica e política, e cada um dos brasileiros não pode ficar parado esperando soluções que conduzam à luz no fim do túnel. Todos têm o dever de buscar o túnel com a luz na mão em forma de mais trabalho, mais produção, menos feriados, mais determinação e mais honestidade de propósitos.

A crise impõe que se substitua o círculo vicioso da inflação pelo círculo virtuoso da estabilidade e do

crescimento econômico. A sociedade que rejeita planos que quebram normas contratuais com choques e congelamentos é a mesma sociedade que apóia o Governo no combate aos abusos perpetrados pelos bancos estaduais que emprestam dinheiro a perder de vista aos governos dos estados, numa sangria sem fim com o dinheiro do contribuinte.

O momento é de austeridade plena e absoluta. É também de realismo porque um governo transitório como o do presidente Itamar Franco tem pouco tempo pela frente para resolver — ou ao menos tentar resolver — as grandes questões nacionais. Se conseguir, como muitos sonham, encaminhar e consolidar a estabilização econômica, terá dado um grande passo para entrar na História. A missão é árdua e impossível para alguns já acostumados com a escalada inflacionária. O ceticismo é, ao lado da inflação, outro mal crônico que atinge a grande maioria dos brasileiros. A reversão do atual cenário econômico passa, necessariamente, por uma dose de otimismo ainda que moderado e cauteloso.

Num país repleto de pobres e famintos, quem dispõe de um pouco para se alimentar, tem a obrigação de ser um pouco otimista. Afinal, se o barco afundar, levará em seu bojo famintos, desempregados e até mesmo os que hoje ainda possuem algo para se alimentar. A responsabilidade pela busca de soluções é geral, e ninguém pode ficar de fora. A História não reserva lugar para os omissos e covardes.

□ Lázaro Marques Neto é presidente do Sindicato do Comércio Varejista do Distrito Federal